

REINOS IORUBÁS

META

O aluno deverá conhecer a organização e algumas características dos pequenos reinos iorubanos.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

capaz de identificar algumas características dos reinos iorubanos, bem como perceber a relação existente entre os mesmos.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá ter domínio do relativismo cultural defendido pela antropologia.



Desenho de Xangô, que segundo tradições orais foi quem governou o reino de Oiô. Das narinas de Xangô saía fogo, e o mesmo por inúmeros motivos é cultivado na atualidade na Costa do Marfim e os africanos dessa região trouxeram esse culto para o Brasil. (Fontes: <http://2.bp.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

Atualmente boa parte da população da África Ocidental é ioruba, os mesmos estão em sua maioria nos países da Nigéria, do Benim e de Gana. E, uma grande parte dos africanos exportados principalmente para o porto da Bahia e conseqüentemente para Sergipe no início do século XIX também faziam parte desse grupo cultural. Esses dois elementos justificam o estudo dos citados reinos. Nesta aula estudaremos três dos reinos iorubanos, Ifé, Oió e Benim e algumas das suas características, na aula os reinos serão apresentados na ordem citada. No entanto, o número de estados iorubanos era muito maior e os mesmos eram caracterizados em sua maioria por serem pequenas organizações estatais. Os reinos iorubanos estavam localizados ao sul do rio Níger. Possuíam como vizinhos os nupes e o reino de Borgu, e muitas conflitaram com os primeiro, principalmente os do reino de Oió.



Desenho de Ogun, filho mais velho de Odudua que fundou o reino de Ifé.
(Fontes: <http://1.bp.blogspot.com>).

Ojuobá ia lá e via
 Ojuobahia
 Xangô manda chamar Obatalá guia
 Mamãe Oxum chora lagrimalegria
 Pétalas de Iemanjá Iansã-Oiá ia
 Ojuobá ia lá e via
 Ojuobahia
 Obá
 (Milagres do povo, Caetano Veloso)

Comumente ouvimos em alguns refrões de músicas, palavras como Queto, ou Obatalá dentre outras, geralmente sabemos que se refere ao continente africano, mas muitos de nós não conseguimos discernir a que se refere exatamente, se a locais, pessoas, qual é o idioma que está sendo falado e etc. Nesse texto estaremos tratando de alguns aspectos dos yorubás, principalmente de uma cidade chamada de Ifé, que atualmente está no território da Nigéria.

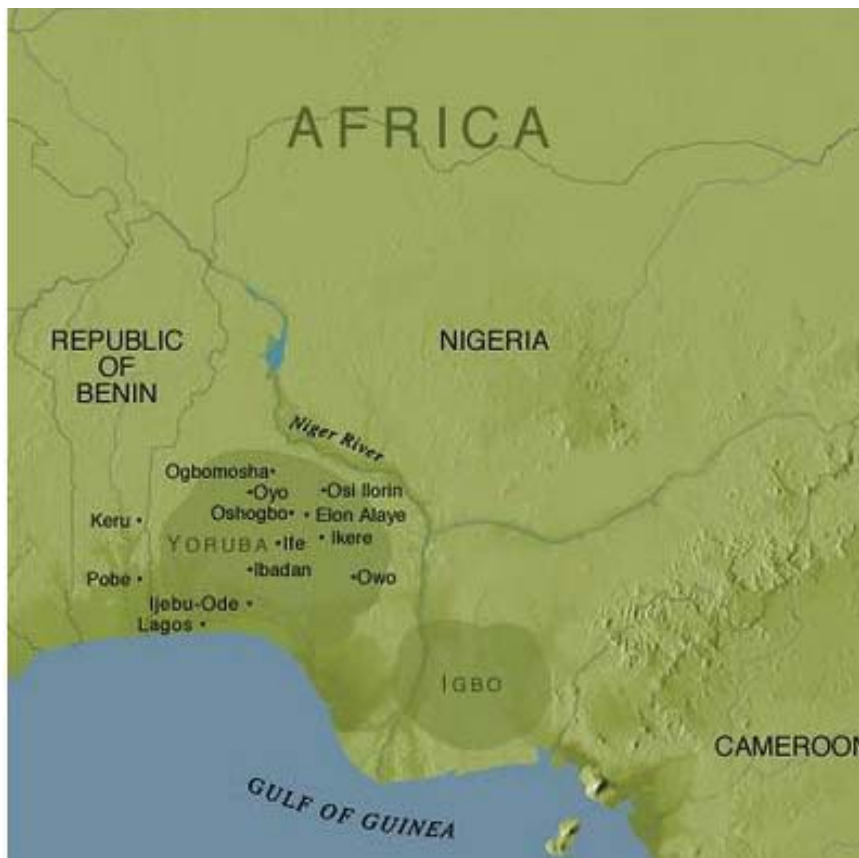
O Yorubá é uma das línguas da família Níger-Congo, segundo os lingüistas, a separação dela das demais línguas do mencionado grupo tem no mínimo 2000 mil anos. Os yorubá viviam em aldeias, e nessas tinha um chefe que poderia ser o mais velho ou um que fosse descendente direto do ancestral que originou a região. Essas aldeias tinham um ancestral comum, as aldeias eram compostas praticamente por uma linhagem. Essas comunidades formavam uma espécie de vários mini-estados, no entanto, não havia uma centralização, nem uma capital urbana. Os líderes das linhagens decidiam sobre vários aspectos do cotidiano dentre eles o uso das terras, as normas que regiam os comportamentos dentre outros.

Existiam várias hierarquias, uma delas era a etária, os homens eram divididos em grupos: os velhos, adultos e jovens. E a cada um desses grupos cabiam tarefas específicas, os velhos tinham a incumbência sobre as funções religiosas, políticas e judiciárias. Outra hierarquia existente era a dos mais ricos sobre os mais pobres; os que detinham mais inhames e rebanhos. Esses faziam parte dos que possuíam títulos na sociedade.

As linhagens, os grupos de idade e as associações de título vigiavam os costumes cotidianamente e regiam as comunidades. No entanto, em algumas aldeias havia o Oba, este deveria estar no topo de todas as hierarquias citadas, ou seja, ser um líder de linhagem, velho e rico. O Oba tinha funções religiosas e políticas e comumente era o homem mais rico, controlava os impostos e a cobrava taxas para os que passassem nas suas terras.

Aos poucos a aldeia-estado se transforma em cidade-estado. Nesse contexto o chefe adquire mais poderes e esse fica mais centralizado. Lembrando que como entre os hauças o chefe intermédia a relação com os antepassados. Nesse contexto, muros e fossos foram construídos da mesma que entre os haussás para a proteção militar.

Há diversas explicações sobre a origem dos yorubás. Alberto da Costa e Silva aponta que eles provavelmente são oriundos do norte, podem ser descendentes dos ribeirinhos do Níger ou dos hauças, ou de outro povo da região mencionada.



Mapa da Região dos Reinos Iorubas (Fonte: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com>).

IFÉ

Na região há diversas lendas que atribuem a criação de Ifé a Odudua e Obatalá. No entanto, ainda segundo Silva, os mitos talvez mostrem que ambos eram líderes de reinos vizinhos que as lendas não mencionam a criação e sim a passagem de poder de um grupo para outro.

Os achados arqueológicos encontrados até o momento na cidade mostram que ela existe desde o século VI. Seu surgimento, talvez, esteja ligado a proximidade da região de depósitos ferríferos, outra explicação é que a cidade fica numa localização estratégica do comércio dos produtos da savana e do litoral; ou seja, Ifé teria surgido como um fruto do comércio na região. Além dos produtos agrícolas, como inhame, a noz cola, dendê; eram comercializados escravos e miçangas de vidro. Os iorubás perceberam que o escravo permitiria a aquisição de tecidos, bronze dentre outros produtos que eram muito apreciados pelos moradores de Ifé. E que os povos do norte apreciavam a mercadoria escravo.

Após a chegada do poder de Odudua, Ifé tornou-se um centro importante. A cidade teria crescido em torno de um rei, de um palácio, de um santuário. Possivelmente, Ide recebia homenagens e tributos dos reinos vizinhos, pois para os mesmos eles descendem de Odudua. Conta a lenda, que os netos de Odudua teriam recebido os adés, coroas com contos e franjas que cobrem o rosto, e fundaram vários reinos dentre eles: Queto, Oió e Benim. Convém ressaltar que não havia dependência política entre os reinos de Ifé e os vizinhos, os vínculos eram espirituais. Ifé se transformou numa espécie de capital no campo religioso.

Alguns autores trabalham a idéia de que os reinos eram formados por uma mesma família, dessa forma, o rei seria uma espécie de grande pai para todos os habitantes. Além do campo religioso, Ifé se destacou pela sua arte. Várias foram as peças encontradas nas escavações seja em bronze, cobre, latão, terracota. Algumas dessas peças foram encontradas nos pátios das casas e dos palácios. E os locais que foram encontradas indicia as finalidades que as mesmas tinham, pois estavam próximos a altares e geralmente próximo a restos humanos. O que indica que as mesmas eram utilizadas em rituais sagrados ou enterros secundários. Algumas dessas imagens reproduzem imagens de reis ou de deuses humanizados. Os animais também eram reproduzidos, eram elaboradas tampas de vasos religiosos com hipopótamos dentre outros animais.

A arte de Ifé chama atenção pelo realismo com que é abordado as roupas, como é esculpido os olhos, as pálpebras e etc. Na época que foram encontradas especularam que as peças teriam sido feitas por um romano. No entanto, atualmente é trabalhada a idéia de que foram feitas por africanos, e que talvez tivessem recebido influências de um africano do norte, como um egípcio, por exemplo.

Com a chegada dos portugueses, Ifé perde um pouco da importância econômica, mas ainda hoje possui grande relevância no campo religioso e é um grande centro manufatureiro.

REINO DE OIÓ

Oranyan era filho de Odudua, rei de Ifé e a fundação do reino de Oió é atribuída a ele. Mostrando a relação de Ifé com as cidades da região. O sucessor de Oranyan foi Xangô, e segundo as tradições orais foi Xangô que governou Oió. Das narinas de Xangô saía fogo e o mesmo por inúmeros motivos é cultuado na atualidade na Costa do Marfim e os africanos dessa região trouxeram esse culto para o Brasil.

O rei de Oió era chamado de alafin e segundo os lingüistas a povoação de Oió é fruto de uma imigração que ocorreu para a região por volta do século X. A base de organização política e administrativa eram os municípios. Oió foi um reino de cunho expansionista. Esse reino e as cidades que seu

exercito conquistou formavam uma espécie de federação. As cidades mais afastadas desse reino tinham uma maior independência dentre elas estava Ijebu e Ilesha.

O rei, o alafin, era controlado pelos chefes de bairro e da cidade. O oyo-mesis era a pessoa encarregada de penalizar o rei caso o grupo citado achasse necessário, ele tinha poder de mandar o rei cometer suicídio.

O chefe da cidade era o balé que era eleito por uma espécie de colegiado, cujo chefe era o olovo oba. Esse colegiado é uma espécie de senado e tribunal, pois seus membros também controlavam os costumes. O balé eleito deveria jurar compromisso com o povo, sobretudo os mais pobres e doentes e era assessorado por um conselho. Dentre esse conselho havia o arrecadador de impostos. As cidades eram cercadas por muralhas e o porteiro era o babalaô. Ele era um adivinho que também cobrava impostos, assim o fato da cidade ser cercada facilitava o seu trabalho, pois possivelmente ele controlava o acesso das pessoas ao reino mediante o pagamento dos impostos.

A economia do reino era baseada em atividades agrícolas, como a produção de inhame, produção de peças artesanais e no comércio.

Para ser um reino expansionista precisava contar um importante exercito. E o Katanfo era o chefe do exercito. Quando o mesmo perdia um combate deveria se matar devido a vergonha que teria passado. Segundo Ki-Zerbo, em alguns casos esses comandantes migraram e fundaram outras vilas que tinham relação com Oió. (KI-ZERBO, 1972, 204)

O declínio de Oió se iniciou com as guerras ocorridas entre esse reino e o do Daomé, ao longo do século XVIII. No inicio do século XIX, o reino praticamente não existiria, pois algumas cidades estavam independentes e por isso as mesmas ficaram mais vulneráveis as guerras de captura de escravos. Nesse contexto, final do século XVIII e principalmente inicio do XIX ocorreu a chegada de inúmeros iorubas no Brasil.

REINO DO BENIM

As tradições orais do Benim explicam o seu surgimento através de Oranyan, o mesmo fundador de Oió, filho mais novo de Odudua. Essa tradição oral também relaciona o Benim a Ifé. Ele teria engravidado Eremwindé e com ela teve o filho Eweka I, o bem amado e esse teria sido o primeiro rei do Benim. Isso teria ocorrido aproximadamente no século XII.

O oba, o rei, era subordinado a vários ritos, havia costumes que regiam suas refeições e até o momento do sono do mesmo. Ele também detinha poderes mágicos e controlava ritos que abarcava sacrifícios humanos. O rei era assessorado por três conselhos. Os membros do primeiro defendiam que eram descendentes da primeira dinastia ioruba, os orizamas. E os cargos desse conselho eram hereditários. Os outros dois conselhos eram os chefes de palácio e os da cidade. Os integrantes desses conselhos eram escolhidos

pelo rei entre as lideranças das aldeias e cidades. O oba do Benim tinha maiores poderes que o alafin de Oió, pois os cargos, excetuando os dos orizamas eram distribuídos pelo rei.

Os oyo- mesis era o chefe do culto Ogboni, e as vezes exercia o papel de juiz. Sobretudo no momento de sucessão do rei. Os orizamas escolhiam o rei entre os dois filhos mais velhos do rei e oyo-mesis escolhia o novo rei. A primogenitura foi importante nessa região.

No Benim também tinha muralhas e fosso o que mostra uma preocupação com a defesa. A cidade era muito urbana, possuía algumas avenidas e era arborizada. As casas possuíam pátio e altares onde eram homenageados os ancestrais e os deuses. Dentre os deuses estava o do ferro, o do mar, além do Deus Supremo. O tamanho do pátio e a altura da casa variavam de acordo com a posição do indivíduo na sociedade. A corte era uma cidade no interior da cidade, com os seus inúmeros funcionários hierarquizados.

Anualmente o rei aparecia cavalgando com suas insígnias reais, acompanhado por uma cavalaria e infantaria que possuía de 300 a 400 homens. Além disso, havia uma banda musical que anunciava o rei e encerrava o cortejo. A cavalgada ocorria nas redondezas do palácio. Leopardos domesticados juntamente com anões e surdos eram utilizados para divertir o rei. No final desse evento eles matavam alguns escravos, 12 a 15, pois esses nasceriam em melhores condições.

A ARTE EM IFÉ

A arte africana tem como intuito expressar o espírito e não a matéria. Se faz mister salientar que a pluralidade africana também se faz presente na arte, e por isso existe várias artes africanas.

Leo Frobenius encontrou em meados do século XX em escavações, uma cabeça em bronze branco, que durante algum tempo se achou que era de Olokum, mulher de Odudua. No entanto, a mencionada cabeça provavelmente é de um Oni, rei de Ifé, “umbigo” do povo yorubá. A mencionada escultura tinha grandes sinais de delicadeza e de um maduro naturalismo, e por isso acreditava-se que era de um escultor romano, no entanto foram encontradas outras esculturas em Ifé que apresentava as mesmas características, por isso conclui-se que as peças em bronze foram produzidas por um mesmo artista. As esculturas apresentam orifícios próximos aos lábios o que indicia que as mesmas tinham barba, bigode, ficando muito próxima das máscaras africanas. Não se sabe se os cabelos eram verdadeiros ou de palha ou de qualquer outro material. Os mencionados bustos têm as cabeças abertas, e segundo Bastide, deveriam ser usadas como ainda se usa no Benin nos altares dos ancestrais.

Além das peças em bronze havia ainda peças de argila cozida, essas foram produzidas num grande número e com os mesmos refinamentos das peças em bronze. O mencionado fato pode indicar uma escola com diversos artistas, pois diferentemente das peças de bronze, um só artista não teria conseguido produzir um número elevado de peças. Um problema a ser resolvido pelos pesquisadores é explicar o porquê de existir ao lado das imagens delicadas que retratam belas cabeças, outras desproporcionais. Talvez, houvesse dois artistas com estilos diferentes, ou o(s) artista tinha(m) intenções diferenciadas com as esculturas. Convém enfatizar que as tais peças são anteriores a chegada dos portugueses, o século XIV.

Outro material utilizado nas esculturas foi o quartzo, com ele foram produzidos colunas. No entanto, das mesmas só existe fragmentos.

Os africanos do Benim têm uma arte muito próxima a de Ifé. No entanto, a arte natural africana foi cedendo lugar para uma arte simbolista e expressionista. A racionalidade de Ifé cedeu espaço para a emotividade do Benim. E os retratados deixaram de ser apenas a corte; soldados e músicos também o foram. E essa foi a arte que os portugueses encontraram quando chegaram a África. Os africanos do Benim além de esculpir no bronze e na argila cozida, também o faziam na madeira e no marfim e também combinavam os materiais entre si.

Por fim, enfatizo que sobre a autoria e outras informações sobre as peças de arte, sobretudo as de Ilé Ifé o que perdura é o mistério e segundo alguns pesquisadores mistério esse que dificilmente será solucionado, no entanto as mencionadas peças devem ser admiradas, evitando fazer comparações e hierarquizações com a arte européia.

CONCLUSÃO

Por fim, os reinos de Ifé, Oió e do Benim possuíam relações, pois os mitos de fundação dos dois últimos associam os mesmos a Ifé. Ifé seria a terra dos ancestrais, para os outros reinos, pois de lá teriam saído os filhos e netos de Odudua. No entanto, Ifé perdeu a liderança econômica e política na região, possivelmente manteve a espiritual. Oió, apesar de não ter incorporado todas as cidades iorubanas, foi durante um período o maior reino da região. Essas cidades tinham aspectos semelhantes, como alguns produtos que eram produzidos, mas possuíam algumas distinções como o poder do rei nas cidades. O mesmo variava de cidade para cidade.

RESUMO

Nesta aula vimos alguns dos reinos iorubanos. Os reinos de Ifé, Oió, o reino do famoso Xangô e o do Benim. Todos os reinos citados possuem tradições orais que narram suas origens, no entanto, as mesmas não são confirmadas em sua totalidade pelos historiadores. As pesquisas mostram a relação que as mesmas tinham entre si, como também as semelhanças e distinções entre esses reinos. Nos três reinos havia uma preocupação com a defesa, as muralhas mostram esse aspecto. Os mesmos eram urbanos, com cidades amplas e belas segundo os relatos dos viajantes. As atividades econômicas estavam centradas na agricultura, bem como no artesanato e no comércio. Os reis desses reinos estavam envolvidos e subordinados a vários ritos. As pessoas cultuavam seus ancestrais e seus deuses em altares domésticos, as casas eram amplas e por isso havia espaço para os altares. Por fim, um ponto que se destacou em Ifé-Benim foi a arte, tanto pela quantidade produzida como também pela qualidade das peças.

**ATIVIDADES**

1. Comente sobre as hierarquias existentes nas aldeias que originaram Ifé, como também as existentes no Reino de Oió e do Benim.
2. Explique qual é a relação que é estabelecida entre Ifé e as cidades vizinhas e os motivos.
3. Pesquise as lendas que explicam o surgimento de Ifé.
4. Comente sobre a finalidade das artes em Ifé-Benim.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

O aluno ao término das atividades deverá identificar as principais características dos povos iorubanos.

PRÓXIMA AULA

Nesta aula vimos alguns elementos dos reinos iorubanos. Na próxima aula veremos algumas comunidades de africanos retornados. Africanos que tiveram a experiência de serem escravizados, conseguirem a alforria e retornarem a África.





AUTOAVALIAÇÃO

Ao termino desta aula consigo identificar as principais características dos reinos iorubanos e a relação entre os mesmos?

REFERÊNCIAS

KI-ZERBO, Joseph. História da África Negra, Volume 1. Portugal: Publicações Europa-América, 1972.

SILVA, Alberto da Costa. A Enxada e a Lança: a África antes dos portugueses. 2^aed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1996.

VERGER, Pierre. Verger-Bastide: dimensões de uma amizade. Org. Ângela Luhning. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. pp.85-95.